

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, Rua de Vasco da Gama, 8.

CALVARIO DE CONDECORAÇÕES

DUQUE D'AVILA E DE BOLAMA

Conta-se que as fadas reunidas um dia, n'uma das ilhas adjacentes, em volta d'um modesto berço, aonde vagia um tenro infante, approvaram em assembléa geral, sem discussão, as seguintes propostas:

Elle será commmendador.
Elle será conde.
Elle será presidente.
Elle será gran-cruz.
Elle será magestoso.
Elle será duque.
Elle será principe.
Elle será tudo.

Estas disposições estão quasi todas cumpridas. Aquelle que ha cerca de meio seculo veio para o continente simples Antonio José, graças a uma tenacidade heroica, a uma norma de vida pertinaz, a uma gravidade intransigente, está hoje tudo o que as fadas quizeram que elle fosse e mais tudo o que elle muito bem quiz ser.

É uma *vontade* enrolada dentro de um corpo enrolado n'um *pardessus* em cima do qual se enrola um *cachenez*. Foi crescendo, crescendo, crescendo, e hoje já está maior que Portugal! Deitado ao comprido n'este *jardim da Europa*, já fica com os pés de fóra! É o homem mais condecorado do mundo e comtudo vive n'um dos paizes mais pequenos do universo! É presidente da companhia do canal de Suez e todavia é filho d'um paiz que só com esse presidente concorreu para a abertura do canal. Não ha no mundo outro homem que presida a maior numero d'emprezas financeiras e todavia não ha estado onde as finanças sejam mais precarias. Evidentemente só póde attribuir-se a um engano o elle ter nascido no torrão luso. Portugal havia encommendado um estadista para paiz pequeno e a providencia equivocou-se na medida dotando-nos com um estadista de quasi dois metros, quando o mais que lhe exigiamos era um politico de $1^{m},50$.

O sr. Duque d'Avila e de Bolama é a encarnação da *respeitabilidade publica* no que essa respeitabilidade tem de mais burocratico, mas ao mesmo tempo de mais legitimo. É um homem de caracter e de boa fé. Modesto na sua vida, singello nos seus habitos, nunca usou uma gala exterior sem que o levasse a isso o convencimento de que procedia no interesse do seu paiz. Está plenamente persuadido de que os povos necessitam tanto de duques como de pão para a boca, e de que o brilho das nações se engrandece á medida que augmenta o *brilho* dos seus estadistas. «Moralidade, carachás e economia» é a sua divisa.

Deem-lhe uma fatia de pão com manteiga, mas entreguem-lhe ao mesmo tempo o *Tosão d'oiro* e ficará satisfeito, por si e pela sua terra. É convicção do que escreve estas linhas de que elle, por baixo das calças, usa liga de seda para se dar o prazer intimo e secreto de suppor de que nem a propria *Jarreteira* lhe falta.

O sr. Duque d'Avila e de Bolama preside hoje ao mesmo tempo a tudo quanto ha em Portugal de destinos e d'assembléas geraes. Em momentos d'afflicção é com elle que nos achamos, porque a Providencia afflicta com os negocios complicados que n'este seculo de lucta e d'actividade trazem a sua attenção dividida por tantos lados não nos póde na verdade dispensar muitas horas. O sr. duque é pois em Portugal uma especie de *vice-providencia*, da mesma forma que, por longos annos, foi vice-presidente da nossa academia. E, diga-se a verdade, pelo zelo com que se tem desempanhado dos deveres d'este cargo, é legitima a sua ambição de ainda um dia ser provido na effectividade do logar — quando a Providencia numero um, por motivo de desgostos, pedir a demissão.

Em horas de crise, quando as contingencias partidarias permittem, para felicidade d'este povo, que o paiz esteja sem ministerio, é sempre do nobre duque que o poder moderador se soccorre, havendo mesmo entre a Ajuda e a rua do Thesouro Velho um signal combinado que indica a gravidade da situação.— «*Bolama, nau do estado bolandas. Venha segurar leme.*»

O sr. Duque sae então de casa com o ministerio já *formado* atraz de si e dirige-se a Ajuda a apresentar os seus respeitos ao poder moderador. Segue depois para as secretarias a recommendar aos chefes de repartição que ponham o expediente em dia, e ás tres da tarde dá entrada no seio da representação nacional aonde explica que, pugnando desde 1828 pelas idéas liberaes, não póde deixar de fazer á patria o novo *sacrificio* que d'elle exigem o rei, a ordem e a liberdade.

Foi uma vez, depois de fazer um discurso d'estes, que mandou fechar as conferencias do Casino.

Á tardinha quando vae para casa, á esquina do largo das Duas Egrejas, elle e o ministerio fazem então o programma do governo e concluido este, cada um vae para sua casa deliciar-se com a respectiva sôpa. Communidade de crenças não implica communidade de terrina.

Homem dotado d'uma sinceridade antiga, o sr. duque não trepidaria um só instante em acceitar o cargo de presidente da republica, se a patria desvairada amanhã a proclamasse. A sua missão *presidencial* impunha-lhe esse dever sagrado, e é até facil de comprehender de que maneira elle seria um quasi nada demagogo se Portugal amanhã cahisse nos excessos da demagogia. Os demagogos haviam de, por ventura, n'um certo momento, necessitar d'um homem que salvasse a situação e n'esse caso competia ao nobre duque dizer: «Cá estou eu, cidadãos... se a patria exige de mim mais esse sacrificio eu desde 1828 que pugno pela demagogia, *ordem*, liberdade, etc...»

Como elle findaria contente a sua carreira no mundo se tivesse a certeza absoluta de que no dia do juizo final presidiria á assembléa geral do julgamento, em consequencia do Padre Eterno não ter cabeça para dirigir os trabalhos da meza!...

Ia apostar em como já se deve ter ensaiado em casa para dizer no tom mais grave e cavernoso que lhe fôr possivel:— Sr. secretario, toque a trombeta e declare aberta a sessão...

João Rialto